

Pontos de Retoma isentos do pagamento de portes de envio dos sacos Valorfito

A Sigeru decidiu isentar os Pontos de Retoma do Sistema Valorfito do pagamento de portes de envio dos sacos utilizados para acondicionamento dos resíduos de embalagens. A medida vigora até final do ano 2026.

Este gesto solidário surge na sequência dos severos impactos causados pelo comboio de tempestades no país, e em concreto no setor agrícola.

A Sigeru deseja a todos os Pontos de Retoma a rápida recuperação das infraestruturas afetadas.



AGRICULTOR RECICLADOR

«Introduzimos em Portugal, nos anos 80, a técnica da mobilização na linha e foi um enorme sucesso»



Manuel Campilho, engenheiro agrónomo e presidente do Conselho de Administração da Quinta da Lagoalva

Localizada em Alpiarça, a Quinta da Lagoalva de Cima é uma das mais emblemáticas empresas agrícolas do Ribatejo. Propriedade da família Holstein Campilho, desde o século XIX, produz alguns dos produtos estrela do mundo rural português, como o vinho, o azeite, a cortiça e o cavalo lusitano, e foi pioneira a introduzir, nos anos 80 em Portugal, pivôs de rega e a técnica de mobilização do solo na linha. Em entrevista, Manuel Campilho, engenheiro agrónomo e presidente do Conselho de Administração da Quinta da Lagoalva, partilha como a diversificação de culturas se tornou a estratégia central para mitigar riscos e reforça que a preocupação ambiental não é apenas uma prática – é uma filosofia que orienta toda a gestão da propriedade.

A Quinta da Lagoalva está localizada em Alpiarça, na margem esquerda do Tejo.

Antes de mais, perguntava-lhe qual o impacto que as sucessivas tempestades tiveram para a Lagoalva?

Manuel Campilho (MC): Neste momento (8 de fevereiro) na Quinta da Lagoalva, estamos apenas o meu irmão, eu e dois funcionários. Desde que começaram as cheias aqui no Tejo, os restantes colaboradores ficaram em casa, porque não têm forma de chegar aqui

à quinta, mas vão voltar quando a situação melhorar. É importante dizer que nada disto nos é estranho. Vivo na Quinta da Lagoalva há 54 anos, já vivemos muitas cheias, mas tenho que começar pelo início. Muitas das infraestruturas de proteção das margens do rio Tejo estão degradadas, quando são essenciais para o controlo das cheias. Um dos exemplos é o dique de proteção da Chamusca – Almeirim, que está numa situação de abandono há 40 anos. Corre um risco tremendo de ruir. A responsabilidade é da Agência Portuguesa do Ambiente (APA). A Câmara Municipal de Alpiarça já avisou, nós

próprios já avisamos várias vezes e nunca houve resposta.

E tem uma estimativa dos prejuízos no imediato e a longo prazo?

MC: Toda a zona destinada à sementeira (Ervilha 50 hectares (ha) / Fava 41 ha / cultura de cobertura 39 ha Avezém 18 h / Olival 16 h / Aveia 5 ha) – está submersa. A chuva contínua desde setembro deixou-nos com muito pouca área efetivamente semeada. O solo estava pronto, mas não chegámos a avançar. A instabilidade mantém-se. A



A Quinta da Lagoalva de Cima, em Alpiarça, pertence à família Holstein Campilho desde o século XIX

barragem de Almourol chegou a descarregar 4600 m³ por segundo, o que aumenta a probabilidade de novas inundações. A ponte da Chamusca voltou a encerrar. Para já, resta acompanhar a evolução. A avaliação de prejuízos continua impossível: com grande parte das terras inundadas, não há acesso para verificar o estado das culturas. Se esta for, de facto, a última tempestade, esperamos que o tempo estabilize para iniciar o levantamento dos danos e preparar as culturas de primavera. Neste momento, uma vasta área agrícola permanece debaixo de água. A vinha, 45 hectares junto ao rio, é outro ponto crítico. Não sabemos em que condições está porque não conseguimos chegar ao local. Há ainda construções antigas, usadas no manejo de gado bovino e ovino, que colapsaram devido ao excesso de água. A sua recuperação dependerá do cumprimento do programa de reabilitação anunciado pelo Governo.

O grupo Lagoalva tem uma área de 5500 hectares, e só a Quinta da Lagoalva são 650 ha. Pode explicar-nos quais são as culturas e a áreas que ocupam?

MC: Na Quinta da Lagoalva temos uma zona de regadio e uma zona florestal. Na zona florestal desenvolvemos um modelo de silvopastorícia, onde criamos gado bovino, da raça Limousine, e ovino (1400 cabeças da raça Île de France), para a produção de carne. Na área de regadio apostamos em rotações culturais. A cultura principal é o milho, mas produzimos também batata, ervilha e fava, de forma intercalada. Esta alternância permite controlar infestantes e promover a regeneração dos solos. Em condições normais, semeamos cerca de 450 hectares de milho, 55 hectares de batata e 125 hectares de ervilha. Temos ainda 45 ha de vinha com castas nacionais e internacionais. Nos brancos as castas *São Alvarinho*, *Arinto*, *Fernão Pires*, *Verdelho*, *Sauvignon Blanc* e *Chardonnay*

e nos tintos *Touriga Nacional*, *Alfrocheiro*, *Tinta-Roriz*, *Castelão*, *Cabernet Sauvignon*, *Syrah* e *Tannat*. Depois temos 45 ha de olival moderno, em sebe, porque é o sistema de produção com a melhor relação custo benefício. A estratégia da Lagoalva assenta na diversificação: não há uma cultura mais importante do que outra. Todas se complementam e, juntas, ajudam a diluir o risco da atividade agrícola.

A Lagoalva foi pioneira na utilização de técnicas de mobilização reduzida do solo e práticas de agricultura de conservação. Como foi dar esse passo há mais de 30 anos e o que esteve na origem da decisão?

MC: Este caminho começou há mais de 30 anos. Tive uma experiência nos Estados Unidos, há cerca de 40 anos, onde estive algum tempo e contactei com agrónomos muito especializados em solos. Foi precisamente nessa altura que a Quinta da Lagoalva iniciou a adaptação ao regadio. Aliás, fomos dos primeiros a introduzir pivôs de rega em Portugal. Percebemos então que os custos de preparação do solo e de sementeira eram muito elevados. O John Mackson, um amigo e grande especialista nesta área, veio a Portugal para avaliar a situação. Tudo começou quando decidimos converter para regadio algumas zonas florestais – áreas de menor potencial produtivo, com pouca matéria orgânica, entre outros constrangimentos. Na floresta, promovemos a descontinuidade, algo que o país deveria adotar mais amplamente, porque ajuda a travar a velocidade de propagação dos incêndios. Não evita os fogos, mas abranda significativamente o seu avanço. Instalámos pivôs nessas zonas e começámos a observar um padrão: sempre que mudávamos de espécie – por exemplo, de sobreiro para eucalipto – a produtividade era inicialmente boa, mas, com os mesmos inputs, começava a cair ao fim de algum tempo. Perante isto,

o John regressou a Portugal para analisar o problema e eu acabei por voltar aos Estados Unidos com um ou dois colaboradores para fazer uma formação específica em fertilidade dos solos. Foi a partir desse conceito que começámos a trabalhar de forma diferente. Trouxemos dos Estados Unidos e introduzimos em Portugal, nos anos 80, a técnica da mobilização na linha e foi um enorme sucesso.

Quais foram as principais dificuldades dessa transição?

«A Lagoalva é um dos amores da minha vida»

MC: Lembro-me de que a grande dificuldade no primeiro ano foi o controlo das infestantes, mas a partir do momento em que dominámos a técnica, os resultados foram evidentes: alcançámos produtividades semelhantes às anteriores, com custos muito mais baixos. Depois avançámos para a sementeira direta. Convém esclarecer que a

História da Quinta da Lagoalva

Com raízes que mergulham na história de Portugal até ao ano de 1193, a Quinta da Lagoalva de Cima é mais do que uma propriedade agrícola, é um legado vivo. Nas mãos da família Holstein Campilho desde o século XIX a quinta soube aliar a história à inovação. A tradição vitivinícola da Lagoalva conta já com 136 anos. Se em 1888 a propriedade já impressionava na Exposição Industrial Portuguesa com 600 cascos de vinho, foi na década de 80 que operou a sua maior transformação. Ao passar a comercializar vinhos engarrafados sob marca própria, a quinta não só elevou a fasquia de qualidade, como se tornou pioneira em Portugal na introdução da casta Syrah – hoje uma presença incontornável em todo o país. Atualmente, o seu portefólio de vinhos conta com 14 referências.

O património da Lagoalva estende-se também ao azeite, com uma história curiosa: em 1875, o Duque de Palmela teve o rasgo visionário de plantar variedades italianas (*Frantoio* e *Moraiolo*) que ainda hoje compõem o olival antigo de 9 hectares, o mais antigo do género em Portugal. Durante décadas, o ‘ouro líquido’ foi vendido a granel, mas desde a colheita de 2010/2011 que o Azeite Virgem Extra Quinta da Lagoalva se apresenta como o complemento perfeito ao negócio do vinho, honrando as oliveiras centenárias da casa. Embora o coração da atividade esteja em Alpiarça, a influência do Grupo Lagoalva estende-se de Trás-os-Montes ao Alentejo. No total, são 5.500 hectares de uma gestão que respeita a terra, promovendo a biodiversidade e oferece produtos diferenciadores em todas as latitudes do país.



sementeira direta, ao contrário do que muitas vezes se diz, nem sempre é possível. Depende do teor de matéria orgânica do solo, das condições em que decorreu a colheita, se choveu ou não. Há um conjunto de fatores que tem de ser avaliado.

Atualmente, as práticas de agricultura de conservação já estão mais disseminadas, mas quais são as principais dificuldades sentidas pelos agricultores?

MC: Trabalhamos com o laboratório americano Brookside que avalia as reais necessidades de fertilização do solo e disponibilizamos também esse serviço aos



Nos últimos anos, a Lagoalva tem vindo a lançar vinhos mais leves

agricultores. Já é um conjunto de agricultores relativamente grande que utiliza esses serviços. Hoje, um dos grandes desafios dos agricultores é o preço. Por exemplo, o preço dos cereais está baixo, causando grande transtorno às empresas agrícolas, porque as margens estão muito baixas. Há um conjunto de fatores que tem de ser avaliado. Quando existem condições, a sementeira direta deve ser feita, mas sempre com o equipamento adequado.

E que outras boas práticas agrícolas implementam na Quinta da Lagoalva?

MC: A técnica da sementeira direta promove a biodiversidade, isso é um facto, porque nós não mexemos, não reviramos o solo. Porém, se não houver sustentabilidade económica, é muito difícil ter sustentabilidade ambiental. Já em termos de controlo de pragas e doenças, procuramos utilizar o mínimo de produtos fitofármacos. Há um conjunto de substâncias ativas que hoje não se podem usar na União Europeia. Já agora, chamo a atenção para o Acordo Comercial UE-Mercosul. É importante que o modo de produção dos agricultores sul americanos seja semelhante ao nosso modo de produção, para não gerar desvantagens competitivas. Portugal não produz Organismos Geneticamente Modificados (OGM), mas importa milho e soja geneticamente modificados, do Brasil e da Argentina para alimentarmos os nossos animais.

Hoje a atividade agrícola exige mais conhecimento para ser mais produtiva e gerar menos impacto no ambiente. Que ferramentas de precisão utilizam nas explorações?

MC: Usamos toda a tecnologia de agricultura de precisão que está ao nosso dispor. Portanto, usamos análises de solo e de água, análises foliares, usamos os drones sempre

que é possível para avaliar o ciclo vegetativo das culturas. Não há outro caminho, porque as margens são pequenas e a proteção ambiental é uma preocupação da Quinta da Lagoalva há mais de 30 anos.

Numa altura em que o consumo mundial de vinho atingiu mínimos históricos, como tem vindo a Lagoalva a responder às mudanças no consumo?

MC: Entendemos o vinho na Lagoalva enquanto uma marca de qualidade. O mercado do vinho é um mercado globalizado e vive um momento bastante complicado. As novas gerações não bebem ou bebem muito menos do que antigamente e querem produtos diferentes. Portanto, o mercado tem que se adaptar a esta realidade e é isso temos procurado fazer. E nós nos últimos anos temos vindo a lançar vinhos mais leves. Por exemplo, em 2024, lançamos o Pet Nat, a abreviação de *Pétillant Naturel*. É um vinho que é engarrafado antes de terminar a fermentação, havendo espaço para a libertação de CO₂, o que

«O Valorfito tem de facto uma fantástica contribuição para a proteção do ambiente»

leva à existência de gás natural. Produzido a partir das castas Arinto e Fernão Pires, lançamos apenas 1300 garrafas e foi um enorme sucesso. Em 2023 também lançamos um vinho biológico 100% da casta Alfrocheiro. Também correu muito bem. No caso da Quinta da Lagoalva, o mercado de exportação felizmente tem-nos ajudado, representa entre 45 a 60% do negócio e exportamos para perto de 35 a 40 países. O continente europeu tem bastante importância. Realço a Polónia que tem tido um grande crescimento, mas a Alemanha e a Bélgica também são mercados importantes. Fora da Europa destaco o Brasil. A Ásia, mais concretamente, o Japão, é um mercado que começamos a trabalhar há pouco tempo, mas é um mercado com potencial e em que acreditamos muito.

Manuel Campilho vê com bons olhos a Estratégia ‘Água que une’

Manuel Campilho juntamente com o irmão Miguel Campilho e Jorge Froes, engenheiro agrónomo especialista em planeamento hidráulico e hidroagrícola apresentaram em 2018 o Projeto Tejo - Aproveitamento Hidráulico de Fins Múltiplos do Tejo e Oeste. Quase 8 anos depois, Manuel Campilho vê na Estratégia ‘Água que une’ anunciada pelo Governo há um ano uma resposta para a bacia hidrográfica do Tejo. «*Várias medidas que constavam no projeto Tejo como por exemplo a necessidade de levar água do Oeste e de controlar a intrusão salina fazem parte da estratégia do executivo de Luís Montenegro, o que naturalmente, nos deixa satisfeitos*», congratula-se Manuel Campilho. O projeto Tejo defendeu também a necessidade do país se preparar para eventos climáticos extremos, alertando para o estado de abandono das infraestruturas de proteção das margens, e para a sua urgente reabilitação, realidade que se veio a confirmar com as cheias de 2026. Além disso, e embora o Projeto Tejo não previsse a construção de mais barragens, os seus promotores defendem a necessidade do país aumentar a capacidade de armazenamento de água, uma vez que sem reservas hídricas, não há forma de se garantir a produção agrícola.

Quais são as metas de descarbonização que a Quinta da Lagoalva tem para os próximos anos?

MC: A descarbonização é uma preocupação de todo o mundo e de todas as empresas. A forma como a agricultura trabalha atualmente tem que ter a descarbonização como objetivo, porque o solo é um armazém de carbono, as plantas são um armazém de carbono, a floresta é um armazém de carbono. Por esta razão, os recursos naturais têm que ser utilizados da forma mais inteligente possível.

Em que ano aderiu o Grupo Lagoalva ao Sistema Valorfito?

MC: Foi logo ao início. O sistema Valorfito tem um papel muito importante, porque felizmente hoje tudo o que são embalagens vazias de produtos fitofármacos têm um destino e são valorizadas pela Valorfito. Graças ao trabalho da Valorfito, deixamos de ver embalagens vazias de fitofármacos espalhadas pelas explorações agrícolas.

Que quantidade de embalagens de fitofármacos entregam anualmente para valorização no Sistema Valorfito? É feita recolha direta nas propriedades ou entregam em Pontos de Retoma?

MC: Nós entregamos tudo o que são embalagens de fitofármacos através do sistema Valorfito. Em 2025 entregamos 324 kgs. A entrega das embalagens é feita aqui na região, aos nossos fornecedores de produtos fitofármacos.

«Nós, os agricultores, somos os guardiões da natureza»

Desde o início de 2025 que o Sistema Valorfito recolhe também embalagens vazias de fertilizantes, de sementes, entre outras. Considera positivo poderem entregar estes resíduos no sistema Valorfito?

MC: Não tenho dúvidas sobre a importância desse alargamento. É uma forma de acrescentar valor a esta área da gestão de resíduos. Nós temos que retirar tudo o que prejudica o solo e o ambiente. O Valorfito tem de facto uma contribuição fantástica para a proteção do ambiente.

E tem alguma sugestão para tornar o sistema Valorfito ainda mais eficiente?

MC: Se fosse viável economicamente, o Valorfito poderia recolher diretamente as embalagens nas explorações de maior dimensão, de forma garantir que 100% das embalagens fossem entregues e devidamente valorizadas.

Numa escala de 1 a 10, como avalia o Grupo Lagoalva como Agricultor Reciclador?

MC: Não atribuo notas a mim próprio. Existe sempre uma tendência natural para sobrevalorizar o que fazemos. Uma avaliação desse tipo teria de ser realizada por uma entidade independente. Posso, no entanto, responder de outra forma: o meu objetivo é aproximar-me do 10. Ainda não chegámos lá, mas é para isso que trabalhamos todos os dias.

324 Kg de embalagens vazias entregues no Sistema Valorfito em 2025

DISTRIBUIDOR RECICLADOR

«O Valorfito deve reforçar a sua presença no terreno. É importante para os agricultores e para o próprio Sistema»



Enquanto Ponto de Retoma do Sistema Valorfito desde 2006, a CALCOB – Cooperativa Agrícola de Oliveira do Bairro e Vagos tem vindo a registar um crescimento consistente na quantidade de embalagens vazias de fitofármacos entregues pelos agricultores.

Localizada no coração da Bairrada, uma região com forte tradição agrícola, a CALCOB é hoje um exemplo de sucesso no panorama do cooperativismo nacional. Com 50 anos de história, soube adaptar-se às tendências de mercado e essa capacidade de adaptação é, aliás, uma das imagens de marca da cooperativa, como explica a diretora-geral da CALCOB, Marise Oliveira: «A CALCOB começou como qualquer cooperativa por comercializar fatores de produção. No entanto, rapidamente percebeu que, além dessa atividade, teria também de escoar a produção dos seus associados. Foi assim que começou a trabalhar a batata, uma cultura muito forte na nossa região». A batata continua a ser o produto-estrela da CALCOB. Atualmente, a cooperativa conta com cerca de 350 hectares dedicados à produção de batata para consumo em fresco e 150 hectares para a indústria. Nos hortícolas, o destaque vai para as couves – portuguesa, lombarda, galega e nos últimos anos, e a área da quarta gama tem assumido um papel cada vez mais relevante na atividade da CALCOB, representando cerca de 40% da sua faturação. «Na batata temos vários tipos de corte. São produtos de valor acrescentado que respondem às necessi-

dades do consumidor. Mas a nossa gama é bastante alargada, incluindo também saladas e preparados para sopas», explica Marise Oliveira. Neste segmento, a cooperativa trabalha não só com a grande distribuição, mas também com o canal Horeca, pequenos supermercados e a restauração. E a inovação continua a ser uma prioridade. «Uma das filosofias da CALCOB é estar sempre a inovar e a desenvolver novos produtos. Vamos adaptando as culturas que fazemos nos nossos agricultores ao que melhor se adequa às referências que vamos desenvolvendo para os clientes, por exemplo, a alface multifolhas, que não era cultivada nos



«A formação é uma área muito querida para nós»

nossos agricultores, passou a ser feita para melhorar a qualidade das saladas que embalamos, uma vez que tem menos zonas de corte logo menor oxidação. Também estamos a apostar em misturas para salteados.» Atualmente, a cooperativa conta com 120 associados ativos que comercializam a sua produção através da CALCOB. No entanto, no total existem mais de 5000 associados, considerando também aqueles que participam nas ações de formação ou que adquirem produtos nas lojas de fitofármacos.

Entrega de embalagens vazias têm vindo a aumentar

A CALCOB possui cinco lojas com venda de fitofármacos. Uma está localizada na sede da cooperativa, no Troviscal, e as restantes estão situadas em Oliveira do Bairro, Oíã, Vagos e Aveiro. A cooperativa aderiu ao sistema Valorfito em 2006 e, passadas duas décadas, o balanço da parceria é claramen-



A Campanha Valorfito ao Vivo esteve na CALCOB no verão de 2025

te positivo. O Ponto de Retoma Valorfito é na sede da cooperativa e os 15 técnicos das lojas ajudam os agricultores na correta gestão dos resíduos. «*Temos de ter em conta que a CALCOB vende tanto a pequenos agricultores que produzem para consumo próprio como a agricultores profissionais. Ou seja, tanto comercializamos pequenas embalagens como paletes de produtos fitofarmacêuticos. Os nossos técnicos procuram aconselhar os agricultores. Queremos que estejam atualizados, quer ao nível das boas práticas agrícolas para aumentar a produtividade, quer ao nível das novas técnicas e tecnologias que promovam a preservação do ambiente, sem nunca esquecer a segurança alimentar.*» A formação continua é uma das prioridades da cooperativa. «*Realizamos formações sobre aplicação de produtos fitofarmacêuticos, práticas agrícolas mais sustentáveis e muitas outras temáticas. Por vezes, chegamos a ter duas ações de formação diferentes a decorrer ao mesmo tempo.*» Este tem sido o modo de atuação da CALCOB. E os resultados são visíveis. Em 2024, foram entregues 492 kg de embalagens vazias no Ponto de Retoma da CALCOB. No ano seguinte, o valor subiu para 718 kg. «*É um crescimento significativo e demonstra que os agricultores estão cada vez mais conscientes da importância da proteção ambiental,*» afirma Marise Oliveira.



A formação continua é uma das prioridades da CALCOB, garante a diretora-geral da cooperativa, Marise Oliveira

“Valorfito ao Vivo” na CALCOB

No ano passado, a CALCOB recebeu nas suas instalações a iniciativa “Valorfito ao Vivo”, um projeto que pretende sensibilizar agricultores e profissionais do setor para a importância da correta gestão das embalagens vazias. A iniciativa visa também reforçar a proximidade com quem está diariamente no terreno.

Para Marise Oliveira, ações deste tipo são fundamentais: «O Valorfito deve reforçar a sua presença no terreno. Isso é importante tanto para os agricultores como para o próprio Sistema. É essencial que os agricultores possam contactar diretamente com o Valorfito e conhecer melhor o seu trabalho. Da mesma forma, é importante que o Valorfito vá ao encontro dos produtores, para compreender melhor a realidade e as dificuldades que enfrentam na gestão de resíduos». Ainda assim, admite que há margem para melhorias. «A recolha das embalagens por parte do Valorfito deveria ser mais frequente. Quando há atrasos na recolha, ficamos sem espaço disponível para armazenar no-

vas embalagens, o que obriga a uma gestão que nem sempre é fácil».

Quanto ao recente alargamento da licença do Valorfito a novos fluxos de resíduos, como as embalagens de batata de semente Marise Oliveira considera a medida positiva, embora admita que, por enquanto, ainda tenha pouca expressão na cooperativa. «Da nossa experiência, muitos agricultores reutilizam as big bags de sementes. Por isso, é provável que este tipo de embalagem tenha uma taxa de entrega mais baixa».

2006

Ano de adesão como Ponto de Retoma Valorfito

718 Kg

de embalagens vazias entregues ao Sistema Valorfito em 2025

Tempestades deixam estragos e atrasam sementeiras

As sucessivas tempestades que atingiram Portugal entre o final de fevereiro e o início de março provocaram prejuízos significativos na Região Centro, e os agricultores associados da CALCOB não foram exceção. Segundo Marise Oliveira, cerca de 150 hectares de hortícolas foram afetados, enquanto na cultura da batata, os estragos atingiram perto de 50 hectares, existindo ainda atrasos na instalação da cultura em aproximadamente 100 hectares. Além disso, algumas estufas de produção de alface também sofreram danos. «Tivemos vários agricultores afetados. O excesso de água e os ventos fortes provocaram perdas em culturas que já estavam instaladas, nomeadamente a couve e a batata. E mesmo depois de o pior ter passado, algumas culturas acabaram por se perder». As inundações trouxeram ainda outro problema: a dificuldade de acesso aos campos. «Há agricultores que não conseguem entrar nas parcelas, nem para retirar a produção que sobrou, nem para avançar com novas plantações». Ainda assim, a responsável mantém algum otimismo e como diz o ditado ‘depois da tempestade vem a bonança’. «Se o tempo continuar mais estável, esperamos retomar em breve as sementeiras nas áreas que já estão mais secas.»

Entregue as embalagens vazias

de produtos fitofarmacêuticos, biocidas,
sementes, fertilizantes, rações e batata
de semente num ponto de retoma Valorfito.

Faça como a Família Prudêncio®



Informe-se em www.valorfito.com
ou num Ponto de Retoma Valorfito.

SIGERU . Sistema Integrado de Gestão de Embalagens
e Resíduos em Agricultura, Lda.

R. General Ferreira Martins, nº 10 - 6º A . 1495-137 Algés
T. +351 214 107 209 // contacto.valorfito@sigeru.pt